
**O SILÊNCIO E O PAPEL. EM BUSCA DE FONTES PARA A HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO EM CAMPINA GRANDE: O CASO DA PROFESSORA APOLÔNIA
AMORIM (1904-1949)**

Jussara Natália Moreira Bélen de Melo
(Doutoranda em Educação pelo PPGE/UFPB, professora da UEPB)
Josemir Camilo de Melo
(Professor visitante da UEPB)

Introdução

Em busca de perfis de educadoras paraibanas (ver BÉLENS e SILVA, 2010 e MELO e GAUDÊNCIO, 2009) pretendemos rastrear indícios de atividades da professora Apolônia Amorim (1904-1949), que se tornou conhecida na cidade, na década de 1930, por introduzir novas técnicas educacionais decorrentes da Escola Nova. Para isto, tínhamos, antes, recorrido a parentes e demais pessoas de sua época ainda remanescentes. Como as informações orais foram insuficientes e já que tínhamos informações que colaborara com a imprensa nas duas décadas que vivera em Campina Grande, recorreremos a jornais locais e a uma revista “Evolução” (do Instituto Pedagógico). No entanto, percebemos que, apesar da ausência de vestígios que nos levassem à operosa professora, poderíamos acompanhar um momento crucial da História da Educação, o embate entre a escola confessional e a laica, em nível local, mas que reflete bem o panorama nacional da década de 1930. Para além desta polêmica, aproveitamos a imprensa para colher mais debates sobre educação em geral, dentro do mesmo diapasão local/nacional, como a introdução da educação física e seu impacto social, a importância das técnicas comerciais e da implantação de mais uma escola normal em Campina Grande.

O ano de 1931 foi pródigo em Campina Grande no mundo das letras e da educação. Surgiu o jornal Brasil Novo, e o Colégio da Imaculada Conceição, o Colégio Diocesano Pio XI, além da União Operária Católica e do Asilo de Mendicidade Deus e Caridade. É possível que o aumento de instituições católicas viessem a fazer frente a instituições não só laicas, mas ideológicas, como a Sociedade Beneficente dos Artistas (1930) de possível viés integralista, tendo construído também uma escola primária, curso profissional de corte e costura, e datilografia, além de museu e biblioteca (CÂMARA, 1988, p.116/7 e 107).

Apolônia Amorim: papel, e silêncio

Quando começamos a investigação sobre a vida da educadora (e escritora?) Apolônia Amorim, tínhamos apenas quatro parágrafos de um artigo sobre escritoras paraibanas da autoria de Bernardo (2009) que trazia o nome da mestra que nasceu em Barras de Santana. Rastreamos sua família em Campina Grande e, através de depoimentos orais, adquirimos mais pistas de sua versatilidade tanto na educação como na política. Os anos 1930 foram pródigos em destaques femininos, a começar com o de Anayde Beiriz, formada na mesma Escola Normal. Poderíamos acrescentar outros nomes femininos como o de Analice Caldas e Eudésia Vieira (ABRANTES, 2010). É emblemática a existência de um grupo feminino chamado Comitê Clara Camarão, no estado, apoiando as ideias da Aliança Liberal. Apolônia fez parte, portanto, de um grupo de normalistas, na década de 1930, cujo posicionamento não só político ou educacional, mas também de gênero, recorreu sistematicamente ao impresso, menos livros, algumas em almanaques, e mais em jornais. Pareciam corresponder ao que Chartier chama de “*aculturação tipográfica*”, quando o escrito favorece “(...) a entrada do povo urbano na cultura do escrito impresso” (CHARTIER, 2004: 107 e 111). Uma espécie de ‘*tempos eufóricos*’ tardios – no caso de Campina Grande, já que Luca os situa no começo do século XX, o surto de revistas (LUCA, 2005, p.121).

Neste aspecto, Campina Grande via surgir uma nova modalidade de sociabilidade (não pretendemos, aqui, discutir este conceito, embora remetamos para Luca [op. cit., p.125]), o reino do papel impresso. Quem não conseguisse (se) in(e)screver desaparecia das referências sociais, como de fato, olhando-se, hoje, para aquele passado verificamos que quem ‘ficou’ para a posteridade não foi Apolônia Amorim e sim Francisquinha, sua irmã, que brilhava nas páginas de *Evolução*.

Apesar de seu contexto familiar, inicial, vivendo num distrito no Cariri paraibano, e tendo o pai como comerciante, Apolônia soube aproveitar o investimento de seu pai em lhe mandar para a escola Normal na Capital. A família Amorim começa, na década de 1930, com Apolônia assumindo cadeira no Grupo Escolar Sólon, a ter destaque na cidade, com realce para o irmão advogado, Octavio, pela intelectualidade e pela entrada na política; bem como pelo outro, o médico ‘socialista’, José Amorim. No entanto, ao compulsar os periódicos da época para constituir um perfil de Apolônia, nos deparamos com sua irmã Francisquinha Amorim, escrevendo, tendo o nome nas notícias sociais, inclusive pelo casamento, e um completo silenciamento quanto ao nome e às práticas pedagógicas de Apolônia Amorim, uma

mulher que contribuiu significativamente com a educação infantil da cidade, nos anos 1930 e 1940, tendo, no entanto, uma vida curta, pois faleceu aos 45 anos, em 1949.

Nascida em Barra de Santana, ao sul de Campina Grande, em 09 de fevereiro de 1904, Apolônia foi a primeira das filhas e filhos. Foi com suas irmãs estudar na capital, fazendo o curso Normal na Escola Nossa Senhora das Neves. Foi nomeada professora do Grupo Escolar estadual Sólon de Lucena, em Campina Grande, onde passou a morar com sua irmã, e professora Adalgiza Amorim. Nesta casa, fundariam o Ginásio Campinense, realizando uma educação primária com técnicas de ensino inovadoras para época. Sobre Apolônia, sua cunhada-sobrinha diz que tinha um perfil bem definido de mulher ativa e decidida: *ela usava sempre óculos escuros, cabelo amarrado. Era muito vaidosa, muito fluente, falava bem. Era uma pessoa que não tinha medo de nada* (Socorro Amorim, entrevista em 01/02/2010).

É possível que a educadora Apolônia tenha se envolvido com a militância da Escola Nova, pois todos os relatos familiares demonstram inovações pedagógicas, principalmente, como relação à educação, então chamada de primária. Ela era reconhecida como inovadora de técnicas pedagógicas, sempre viajando durante as férias para a capital e, ao que se percebe pelos relatos de vida, para a cidade do Rio de Janeiro, onde procurava fazer cursos de aperfeiçoamento. No início da década de 1940, não tinha medo do escuro dos navios em que viajava, pois vivia-se a os efeitos da Segunda Guerra e era proibido acender as luzes dos navios em alto mar (Relato de sua cunhada Léa Amorim, entrevistada em 01/02/2010).

Era do Rio de Janeiro que trazia inovações pedagógicas fomentadas pela Escola Nova, como afirma seu sobrinho advogado Agnello Amorim. Suas aulas eram práticas, como a projeção de slides feitos com lata de óleo de querosene de 18 litros. A imagem era projetada na parede com vela ou candeeiro. Além disto, organizou em sua escola laboratórios de ciências e de matemática, “*Na escola tinha um laboratório de biologia com um esqueleto humano*”, confirma Agnello. Impulsionava as artes cênicas e teatrais com seus alunos (MELO E MELO, 2010). Sobre a experiência com cinema, há uma nota no jornal A Voz da Borborema, em 1937:

A professora Apolônia Amorim, que, há meses passados, foi ao Rio de Janeiro, (...) estudar os meios de possibilidades para o conhecimento e adaptação do systema de Cinema Educativo (...) vem de positivar, (...) a realização desse palpitante objectivo, installando, no Grupo Escolar Sólon de Lucena de Campina Grande, um bem feito aparelho de Cinema Educativo. Tendo se exibido inúmeras encenações e perspectivas de character histórico e educacional, a professora Apolônia Amorim demonstrou, francamente, a efficiência desse moderno methodo pedagógico, que

será introduzido (sic) nos estabelecimentos de ensino desta cidade (A Voz da Borborema, 03/07/1937, p. 06, apud BÉLENS e SILVA [2010], p.6).

No Ginásio Campinense, Apolônia rompeu com antigos vícios pedagógicos, sendo uma das primeiras a abolir a palmatória e os castigos físicos (Agnello Amorim, entrevista em 01/02/2010). Com seus alunos cumpria seus rituais cívicos. Incondicional admiradora do político João Pessoa, rendia todo ano sua homenagem, como nos conta o ex-vereador de Campina, o barra-santanense, Mário Araújo, que só a conheceu, quando professora: “*Era de uma lealdade sem igual. Todo ano no dia 26 de julho, às sete horas da manhã ela levava seus alunos para uma homenagem à estátua de João Pessoa (primeiro) onde era sua praça e (depois) lá embaixo (na Praça Antônio Pessoa)*” (depoimento informal, no dia 03 de outubro de 2010).

As experiências acima citadas, levadas a efeito por Apolônia e sua irmã, fazem parte da História da Educação, neste momento em que buscavam afirmação as idéias de John Dewey. A escola de Apolônia Amorim tentava prover um ambiente que Cambi designa como “um espaço adequado aos quatro interesses fundamentais: ‘para a conversação ou comunicação’, ‘para a pesquisa ou a descoberta das coisas’, ‘para a fabricação ou a construção das coisas’, ‘para a expressão artística’, e todo o trabalho escolar deverá ser renovado à luz dessa revolução copernicana’, introduzindo ao lado dos laboratórios, espaços para a criação artística e para o jogo (CAMBI, 1999, p.550, apud MELO e MELO, op. cit.).

Em nossa pesquisa nos periódicos, verificamos informações importantes sobre a História da Educação na Paraíba que recebeu esta novidade pedagógica, a Escola Nova. *O Almanach do Estado da Parahyba para 1933* publicou uma conferência da inspetora escolar Maria dos Reis Campos, realizada no Rio de Janeiro, dentro das ações da Cruzada Pedagógica pela Escola Nova, sob o título “*A educação Primária nos Estados Unidos*”. Em 1934, seria a vez de Campina Grande aderir à nova idéia pedagógica, quando a cidade recebeu o engenheiro Everado Backheuser (autor de *Aritmética na Escola Nova*) e esposa, professora Alconda para conferência e fundação da Associação dos Professores Católicos. Aqui se reforça o embate entre a educação laica e a religiosa pela liderança das propostas da Escola Nova, pois o engenheiro (professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro) era o presidente da Confederação Católica Brasileira de Educação. Na capital, segundo A Imprensa (de 10 de maio de 1934, p.1), ele daria uma palestra intitulada *O que há de novo na escola Nova?* (MELO e MELO, op. cit.)

Naquele momento, Apolônia, com toda inovação feita em sala de aula, em nome desta nova prática educativa, não foi referenciada. Até mesmo a recepção ao casal católico foi feito por outra professora do Sólon de Lucena, a professora Lílisa Sá Barreto e, na diretoria da recém fundada Associação, um dos membros eleitos era sua irmã, Francisca Amorim. Nem para a saudação, nem para o corpo da diretoria. Silêncio¹.

Este era um momento delicado no país, de um lado, os católicos que tentavam se impor contra o ensino laico; do outro, o movimento escolanovista que não só pregava defendia o ensino público e gratuito, privilegiava o ensino laico e defendia a escola privada, (RIBEIRO, 2000). Escolhemos um jornal católico da capital A Imprensa, e uma revista, “Evolução”, do Instituto Pedagógico (IP) que teriam interesses educacionais divergentes. O periódico não deve ser tomado unicamente como (in)forma(ção). A técnica, ou a ‘materialidade do impresso’, e mesmo a publicidade, como nos fala Luca, têm o lugar da historicização, mas também do discurso (LUCA, op.cit., p.132 e 140). Não era à toa que as páginas de Evolução, destinadas às homenagens a políticos e professores de renome, eram impressas em vermelho e em sépia.

A Escola Nova e outros embates na imprensa local

O jornal A Imprensa, do qual só dispomos de um pouco mais de uma dúzia de exemplares, na primeira página publicava anúncio do Colégio Diocesano Pio X. Este era seu trunfo, como divulgaria em outras edições sempre dentro do mesmo tom: quem (então) necessita do ensino laico? (Anno XXVIII, N°484). O que poderia ser contestado pelo editorial de Evolução, escrito provavelmente, por Manuel de Almeida Barreto, o redator-chefe da revista. O artigo vem impresso em duas cores: frente, em sépia, com foto do prédio antigo. No verso, em preto e branco, com foto do prédio de então – hoje demolido, reconstruído o atual Alfredo Dantas.

O Instituto, fundado em 1919, para o ensino primário e secundário para ambos os sexos, além de um internato era, indiretamente, sucessor – pelo menos o prédio, do Grêmio de Instrução, criado em 1899 (ALMEIDA, 1979, p.323 a 339). Em 1928, implantou o curso normal e o técnico-comercial, além de outro preparatório militar, ligado ao Tiro de Guerra. Este último aspecto se liga diretamente à influência do fundador do IP, o tenente Alfredo Dantas Correia de Goes (1870-1944). É emblemática a foto, em sépia, da turma uniformizada para a parada do 6 de setembro, na edição Ano I, N° 2, outubro de 1931, p.7).

Voltando ao embate da educação, diz o editorial de *Evolução*, em sua luta pelo ensino laico e privado, que havia um complô contra o Governador João Pessoa para não assinar o decreto de 1929 que equiparava o Instituto à Escola Normal (p.7 e 8). Mais adiante, à página 11, a revista publicava a foto em sépia do seu maior benemérito João Pessoa. Além disto, emprestaria seu nome à recém criada Escola Normal (João Pessoa). A revista voltaria a este embate no Nº 2, através do seu editorial ‘Escola leiga’: “*As religiões são por via de regra intransigentes e reacionárias (e que) não se compreende (que) alguém forceje ainda por transformar a escola de leiga que deve ser, em confessional*”. E lembrava a inquisição e os “*dias nefastos de São Bartolomeu (...) Levar as religiões para as escolas públicas é reconstruir a Torre de Babel no seio amorável e harmônico que deve ser o templo cívico da educação*” (Ano I, Nº 2, outubro de 1931, p.5 e 25)

Percebemos também que este embate poderia ser resumido a dois intelectuais de peso, então, em Campina Grande: o próprio Almeida e o ultra-católico Epaminondas Câmara (cujos exemplares de *A Imprensa*, consultados na biblioteca, eram de sua propriedade, pois os recebia como articulista e gerente da sucursal, na cidade). No entanto, como o embate ultrapassa o campo da educação, deixamos para posterior pesquisa, pois Câmara não só combate o laicismo, como briga em mais três frentes, contra evangélicos, espíritas e comunistas. No entanto, ao escrever *Datas Campinenses*, este autor registraria positivamente o surgimento de igrejas evangélicas e jornais comunistas. No caso de educação, a discussão girava mais em torno de princípios, pois os dois não digladiavam (ao que nos parece) no plano pessoal, mesmo porque Câmara reconheceria a contribuição do Instituto Pedagógico quando da formatura de sua primeira turma de professores em 1932: “*Fato inédito na vida educacional da cidade*” (CÂMARA, op. cit., p.119).

Nesta busca por informações sobre Apolônia Amorim terminamos por acompanhar outros embates educacionais através de um veículo especial da imprensa, a revista *Evolução*, editada pelo Instituto Pedagógico. Em forma de magazine, seu conteúdo não era restrito só a educação, havendo inclusive publicidade, na contra capa e nas duas primeiras páginas antes do expediente, o que denotava certo amadurecimento jornalístico, segundo os padrões da então. Mais uma vez quem aparece é Francisca Amorim (em foto) professora de Pedagogia e Didática; a outra irmã de Apolônia, Joselita (ou Josita) também era colaboradora. A ausência de Apolônia é até justificada, porque as duas ensinavam no Instituto, dirigido pelo tenente Alfredo Dantas. Francisquinha e não Apolônia parecia estar de bem com a pedagogia e a mídia da época, pois no Nº 1 de *Evolução*, ela já aparecia com um artigo *Educação Feminina*

no Brasil (p.6). Seria também saudada em seu casamento, pelo jornal ‘do proletariado’ A Batalha (de 3/1/1935, p.4) com o advogado Inácio Ramos. O jornal informa que ela é irmã do Dr. Octavio Amorim. Apolônia não se casara, menos espaço visual, numa sociedade conservadora.

Esta revista (*magazine*, como proclamou um dos colaboradores) media 0,16mX0,26m. a capa em cores, tendo ao centro uma foto, inicialmente de político (José Américo, Getúlio Vargas, prefeito Lafaiete Cavalcanti) depois de professores homenageados (como Clementino Procópio) e autoridades (Dr. Arlindo Correia e Dr. Severino Cruz) da educação e, em seu número 7, foto da professora Herotides Mathias de Oliveira. Era impressa nas oficinas do jornal Brasil Novo, de Tancredo de Carvalho (*Evolução* ANO I, NºI, Setembro de 1931).

Evolução com o artigo “A Cooperação dos pais e professores na formação dos caracteres infantis”, assinado por “M.C.C.” abordava a necessidade dos pais e professores colaborarem no processo educativo (p.18). Na página seguinte vinha a foto do corpo docente,: Manuel de Almeida Barreto , Sargento Moisés Araújo. Dr. Severino Cruz, Tenente Alfredo Dantas, diretor Lino Fernandes, Dr. Elpídio de Almeida e Dr. Antônio de Almeida. As mulheres eram: Erundina e Tété Campelo, Sinhazinha Schuller, Ester e Yayá Dantas, Francisquinha Amorim, Maria Coutinho e Sizênia Galvão.

Outra foto (em sépia) à página 21 mostra as alunas praticando educação física sob os olhares de um militar, vestidas de blusa de mangas curtas, calção balonet (?) até o joelho e touca. Sobre esta inovação na educação da cidade, se insurgiram vozes dissonantes, levando a professora Francisquinha Amorim, citando Montessori, a defender a Educação Física em outro número da revista, sob o título “Cultura Física” (*Evolução*, Ano I, Nº 3, p.26). Dr, Elpídio de Almeida, sem dúvida ficaria com a disciplina biologia e, numa tentativa de enquadrar seus estudos na revista, fez publicar um artigo “*Um mal que nos ameaça*” sobre doenças vindas da África.

Um sinal da penetração das idéias da Escola Nova está em *Evolução* (N 7, de março de 1937, p. 8/9) sob o título *O que eu vi na classe inicial do Grupo Escolar Solon de Lucena, explicado pela distinta diretora Ana Leiros sobre Estado dos Corpos*. O artigo de opinião é do Prof. Alves Lima, que reproduz um diálogo entre a professora e alunas sobre o tempo, mas com ensinamentos sobre química. A manchete de abertura da matéria-artigo é “*Escola Nova. Método Ativo*”. O artigo não contém nenhum texto daquele professor, que apenas reproduz um diálogo da professora com as alunas. Embora deixe perceber a metodologia como

inovadora, o recurso empírico da professora é alienado: “*Ó menino, chame Antônio para fechar essas janelas, que o frio está incômodo e a neve está entrando na sala!*”

O que se destaca, aqui, é que sendo a revista de um educandário ‘laico’, particular, o exemplo publicado da Escola Nova (ou de como eles entendiam, então) é tirado de uma escola pública, o Grupo Solon de Lucena, onde Apolônia Amorim lecionava. Este falso encanto com a Escola Nova é reproduzido em outro número da mesma revista (Ano I, Nº3, novembro de 1931, p. 23), sob a chancela daquele mesmo autor, mas desta feita tem como subtítulo “*Sobre como se deve pegar num livro*”, lição da mesma diretora, no entanto o personagem do diálogo é um professor. Outro marco de buscas pedagógicas renovadas nos vem também nas páginas de *Evolução*, como artigo (não assinado) “*Ensino aos Anormais*”, onde falava da “nova orientação pedagógica do ensino, abolindo os rotineiros métodos que vêm entravando a instrução, não será demais sugerir seja tratado esse proveitoso assunto do ensino moderno às crianças anormais” (Ano I, Nº7, de março de 1932, p. 23).

Considerações finais

Como se vê, na pesquisa, ora em andamento, há um vazio de informações jornalísticas sobre as atividades pedagógicas de Apolônia Amorim, entre 1931 e 1949. Até o momento, só verificamos o registro do jornal *A Voz da Borborema*, e de seu necrológio, publicado em *O Rebate* (por informações terceiras, pois não encontramos o jornal). Nos demais exemplares de *A Imprensa* (do acervo da biblioteca Átila Almeida/UEPB) não encontramos referências à professora. Talvez fosse incômodo à certa parte da sociedade local seu comportamento de independente, solteira e política, uma mulher viajada criando seus próprios espaços afetivos, intelectuais e políticos. Tampouco teria deixado de participar do grupo feminino Comitê Clara Camarão (que ainda existia em 1934, segundo o jornal *A Imprensa*). Tomou conhecimento político e afetivo da polêmica em torno da provável companheira, Anayde Beiriz, outro comportamento silenciado pela imprensa. Assim, seus 18 anos nesta cidade parecem ter sido de eclipse, parcamente noticiados, mesmo sua doença e tratamento no Rio de Janeiro, onde veio a falecer, em 1949. Só o jornal *O Rebate* lhe dedicou uma nota de pêsames.

No entanto, a pesquisa resultou num conhecimento das polêmicas sobre políticas educacionais dos anos 30. Se sobre Apolônia Amorim, a imprensa não teve muito a dizer, deixou-nos nas entrelinhas todo um corpo de informação de como a sociedade local, refletindo os embates em nível nacional, se posicionou em torno da questão da escola laica e

confessional, pública e privada, bem como diante das inovações didático-pedagógicas trazidas pela Escola Nova. Assim, uma análise mais profunda, norteadas por novos elementos epistemológicos, pode demonstrar como se operou a mudança de uma escola tradicional para uma escola nova, moderna em concomitância com o crescimento da cidade, uma vez chamada de *Nova York paraibana*, pelo Inspetor Geral de Ensino, em Campina Grande e região, Professor José Batista Leite (Evolução, Ano I, Nº 5, novembro de 1931, p.25).

¹ Hortensio Ribeiro ao saudar a memória de Analice Caldas elenca uma série de paraibanas dignas de homenagem, mas não referencia Apolônia Amorim (RIBEIRO, 1979, p 57/8). Outro silêncio nos vem do Almanach de Campina Grande (para o ano de 1933), dirigido por Euclides Villar. No meio das 21 colaboradoras de poesias e charadas há uma Apolônia, mas é Villar, esposa do editor. Estando a morar recentemente na cidade, ainda não teria conquistado seu lugar intelectual?

Referências

ABRANTES, Alômia. Escritas e inscritas: mulheres na imprensa dos anos. In: ABRANTES Alômia e SANTOS NETO, Martinho Gomes (Org.) *Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

ALMEIDA, Elpídio de. *História de Campina Grande*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979

BÉLENS, Jussara Natália Moreira e SILVA, Vivia de Melo. *Apolônia Amorim: a educadora da infância campinense*. [2010], (Inédito).

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa: Departamento de Publicidade, 1947.

CAMPOS, Maria dos Reis. A Educação Primária nos Estados Unidos. In: LEAL, José; ALBUQUERQUE, Durwal; CARVALHO, Francisco (Orgs.). *Almanach do Estado da Parahyba para 1933*. João Pessoa: Imprensa oficial, 1933, p.91-100.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LEAL, José; ALBUQUERQUE, Durwal; CARVALHO, Francisco (Orgs.). *Almanach do Estado da Parahyba para 1933*. João Pessoa: Imprensa oficial, 1933.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.

MELO, Josemir Camilo de, e GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A Dama da Academia: uma metabiografia de Leônia Leão. XXV Simpósio Nacional de História, 2009, Fortaleza. *Anais do Simpósio*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. p. 01–08.

MELO Josemir Camilo de e MELO, Jussara Natália Moreira Bélen de. Tempo e silenciamento: Apolônia Amorim e a Escola Nova na Paraíba. VIII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, São Luís, MA, UFMA, 2010.

RIBEIRO, Hortênsio de Souza. Vultos e Fatos. João Pessoa: Secretaria estadual de Educação e Cultura, 1979.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA FILHO, Lino Gomes da. *Síntese Histórica de Campina Grande, 1670-1963*. Campina Grande: Grafset, 2005.

VILLAR, Euclides (Diretor). *Almanach de Campina Grande* (para o ano de 1933). Campina Grande: Livraria Campinense, 1932.

Fonte Eletrônica

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. *Literatura e Memória: resgate das escritoras paraibanas do início do século XX*. Disponível em WWW.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigoanacoutinho.htm acesso em 10/01/2010.

Família Amorim. A origem da Família. Disponível em (<http://www.angelfire.com/nv/amorim/index1.html>), acesso em 10/05/2010.

Fontes Orais

Léa (Leonília) Amorim. Viúva de José Amorim, sobrinho e ex- aluno de Apolônia Amorim. Entrevista concedida a Jussara Natália Moreira Bélen, em 01/02/2010.

Odete Amorim. Sobrinha e ex-aluna de Apolônia Amorim. Entrevista concedida a Jussara Natália Moreira Bélen, em 22/01/2010.

Agnello José de Amorim. Sobrinho e ex-aluno de Apolônia Amorim. Entrevista concedida a Jussara Natália Moreira Bélen, em 01/02/2010.

Maria do Socorro Amorim. Esposa de Agnello Amorim, concedida a Jussara Natália Moreira Bélen, em 01/02/2010.

Mário de Sousa Araújo. Nasceu em Barra de Santana, ex-vereador de Campina Grande, depoimento informal a Josemir Camilo de Melo, em 03/10/2010.

Jornais

A Batalha. Campina Grande (exemplares avulsos da década de 1930).

A Frente. Campina Grande (exemplares avulsos da década de 1930).

A Imprensa. João Pessoa (anos: 1933, 1934, 1935 e 1937)

Evolução (Revista do Instituto Pedagógico). Campina Grande, 1931, 1932. Nº 1,2,3,4,5,6,7.